

Leila Escorsim Netto¹

O “Fenômeno” Mariátegui: Polêmicas e Intérpretes

Resumo: Este artigo tem por objeto algumas interpretações da obra de José Carlos Mariátegui, da imediata polêmica político-ideológica aberta entre apristas e comunistas peruanos, em 1930, à passagem das discussões para o âmbito teórico, no último quartel do século XX. É neste marco que são sintetizadas as contribuições do argentino José Aricó e do peruano Aníbal Quijano, para uma compreensão mais rica e plural da obra do primeiro grande marxista latino-americano.

Palavras-chave: Mariátegui; marxismo; marxismo latino-americano.

Abstract: The essay offers an outline of the main interpretations of José Carlos Mariátegui's political thought opposing at first apristas and peruvian communists and then expanded on theoretical grounds by José Aricó e Anibal Quijano whose debate has enormously contributed for a greater comprehension of the first Latin-American marxist thinker.

Keywords: Mariátegui; marxism; Latin-American marxism.

Reconhecido atualmente como um dos mais brilhantes pensadores marxistas, o peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930) foi objeto de inúmeras polêmicas na sequência de sua morte prematura – antes da qual (apesar de sua intensa atividade jornalística e da repercussão internacional de *Amauta*, revista criada por ele, em 1926) só publicara dois livros: *La escena contemporánea* (1925) e o clássico *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928)². Seja no interior da esquerda peruana, seja no campo do que então se chamava oficialmente Movimento Comunista Internacional, sua obra foi questionada e, no extremo, desqualificada.

¹ Doutora em Serviço Social, professora adjunta da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autora de *Mariátegui. Vida e obra* (S. Paulo: Expressão Popular, 2006).

² Este último, aliás, seu único livro integralmente traduzido ao português (Mariátegui, 1975).

Somente a partir dos anos 1960, o debate em torno de Mariátegui deixou de ser predominantemente político-ideológico e transitou para o estrito âmbito teórico (que, obviamente, inclui a dimensão ídeo-política). Este trânsito foi favorecido por três ordens de eventos: de uma parte, pela publicação (iniciada na década anterior) do conjunto de sua obra, empreendimento a que se dedicaram seus filhos; de outra, pela crise (aberta em 1956) do referido movimento comunista e, simultaneamente, pelo interesse revelado por pesquisadores estrangeiros³.

A consolidação do estatuto teórico do debate sobre Mariátegui pode ser situada em 1980 (cinquentenário de seu falecimento): foi quando se realizou o Seminário de Sinaloa⁴, a partir do qual se pôs no centro da discussão o que se pode designar como o “fenômeno Mariátegui” – o surgimento, num país periférico e sem fortes tradições socialistas como o Peru, de um marxista autodidata, extremamente culto e informado, inovador, capaz de oferecer, da sociedade em que vivia, uma análise histórico-concreta e de vincular a reflexão teórica criadora a uma efetiva intervenção prático-política⁵. Do Seminário de Sinaloa, participaram, entre outros latino-americanos, o argentino José Aricó e o peruano Aníbal Quijano, intelectuais que se inscrevem entre os mais qualificados leitores de Mariátegui e cujo contributo ao esclarecimento do “fenômeno Mariátegui” precede e sucede àquele colóquio internacional.

Nos limites compulsórios deste artigo, meu objetivo é bem limitado: depois de sinalizar a polêmica político-ideológica, pretendo resumir a interpretação com que Aricó e Quijano enriqueceram a análise da obra do Amauta.

A polêmica político-ideológica no Peru

Na sequência imediata da morte de Mariátegui, a polêmica em torno de sua obra foi condicionada, de uma parte, pela disputa do seu legado pelos apristas⁶ e, de outra, pela “bolchevização” do Partido Comunista Peruano (que ele fundara em 1928, ainda sob a designação de Partido Socialista).

O tom da disputa conduzida pelos apristas já fora dado pelo próprio Haya de la Torre, primeiro em correspondência dirigida ao próprio Mariátegui, em que reprovava o seu “europeísmo” (“Ponha-se na realidade e trate de alinhar-se, não

³ Por razões de espaço, não posso assinalar, aqui, um elenco expressivo, ainda que limitado, de analistas não-peruanos da obra de Mariátegui pós-1956; apenas à guisa de indicação, recordo, aleatoriamente, os nomes de Manfred Kossok (alemão), David Wise, Víctor Berger, Harry Vanden, William Stein (norte-americanos), Adam Anderle (húngaro), Enrique Dussel, Fernanda Beigel, Néstor Kohan, Daniel Campione, Horacio Tarcus (argentinos), Florestan Fernandes, Michael Löwy, Alfredo Bosi, José Paulo Netto (brasileiros), Yerko Moretic (chileno), Adolfo Sánchez Vázquez (espanhol), Ricardo Melgar Bao (mexicano). Entretanto, dentre todos os estrangeiros, dois europeus tiveram especial importância na análise e na divulgação da obra de Mariátegui: o italiano Antonio Melis (1971, 1999) e o francês Robert Paris (1981).

⁴ Realizado em Culiacán (México), na Universidad de Sinaloa, o encontro reuniu estudiosos latino-americanos, norte-americanos e europeus.

⁵ Para uma aproximação biobibliográfica a Mariátegui, pode o leitor brasileiro recorrer, entre outros, ao artigo de Netto (1980), à introdução de Bellotto e Corrêa a Mariátegui (1982), ao opúsculo de Alimonda (1983), às introduções que Löwy preparou para a sua antologia de marxistas latino-americanos (Löwy, 1999) e para a sua coletânea de escritos de Mariátegui (2005), aos textos recolhidos por Amayo e Segatto (2002), à apresentação de Pericás a Mariátegui (2005 a) e a Escorsim (2006).

⁶ Partidários do APRA - lembre-se de que Víctor Raúl Haya de la Torre (1895-1979), fundador e líder histórico e incontestado do APRA, foi aliado e, depois, adversário de Mariátegui. Para as relações entre ambos, cf., dentre muitos títulos, Illán (1974), Luna Vegas (1986, 1990) e Haya de la Torre *et alii* (1990).

com a Europa revolucionária, mas com a América revolucionária. Você está causando muitos danos [...] com seu afã de aparecer sempre como europeu [...]”⁷, depois, numa carta de 22 de setembro de 1929 a seu correligionário César Mendoza:

Sempre simpatizei com Mariátegui. Parece-me uma figura interessante do romantismo, da fé e da exaltação intelectual de um revolucionário. Porém, Mariátegui nunca esteve na luta mesma [...]. [Mariátegui pensa como um intelectual europeu, do tempo em que esteve na Europa. [...] Minhas fraternas objeções a Mariátegui foram sempre contra a sua falta de sentido da realidade, contra seu excessivo intelectualismo e sua ausência, quase total, de um sentido eficaz e eficiente da ação] Mariátegui está imobilizado⁸ e seu trabalho é meramente intelectual. A nós, que estamos na ação, cabe a tarefa de encarar diretamente a realidade e de enfrentá-la (in Aricó, org., 1978, pp. XXV-XXVI; *itálicos não originais*).

Este mote – excessivo intelectualismo, europeísmo e desvinculação com a prática política – constituirá a matriz geral da crítica que os apristas dirigirão a Mariátegui. Já no número de maio de 1930, em memória de Mariátegui, a revista *Claridad*, editada em Buenos Aires, publicava um artigo de Manuel A. Seoane (1900-1963), em que, a par de elogios à sua honradez e ao seu talento, desqualifica seu rigor teórico, subestima sua capacidade de ação e, sobretudo, debita suas limitações a uma espécie de estrangeirismo, fruto de seu aprendizado europeu (cf. Vv. Aa., 1973, pp. 163-165).

No marco da crítica aprista⁹, talvez o texto mais representativo seja o de Carlos Manuel Cox (1902-1986), “Reflexões sobre José Carlos Mariátegui”, publicado em julho de 1934, em *Claridad* (cf. Vv. Aa., 1973). Numa linguagem educada, Cox retoma e desenvolve o mote assinalado e trata de “recuperar” Mariátegui para o aprismo, atribuindo o afastamento de Mariátegui em relação a Haya aos “agentes internacionais do comunismo criollo”, que teriam se aproveitado da enfermidade de Mariátegui “para dividir o grupo socialista e fundar o Partido Comunista, seção peruana da Terceira Internacional” (Vv. Aa., 1973, p. 189). Logo depois de publicado este texto, a revista recebeu e divulgou uma réplica (“Em defesa de José Carlos Mariátegui, marxista”), firmada por Juan Vargas (provavelmente um pseudônimo), em que a crítica de Cox era desmontada ponto por ponto (texto também coligido em Vv. Aa., 1973). Cox treplicou, num artigo (“Aprismo e marxismo na obra de Mariátegui”), sustentando que “não há [...] oposição entre a doutrina aprista e a teoria de Marx” e que apenas a “burocracia stalinista internacional” procura “escamotear a

⁷ *Apud* Illán (1974, p. 163).

⁸ Haya refere-se ao fato de Mariátegui estar preso a uma cadeira de rodas, desde maio de 1924, quando lhe foi amputada a perna direita.

⁹ Crítica que teve inúmeras expressões, algumas abertamente mistificadoras, de que é exemplo um artigo de Luis E. Heyesen, publicado na mesma revista e a que Armando Bazán respondeu duramente (toda esta polémica de 1930 está acessível hoje em Vv. Aa., 1973).

filiação aprista de Mariátegui, durante alguns anos, para nos apresentar, apenas, o bolchevique exagerado dos últimos meses que precederam a sua morte prematura” (*idem*, p. 203-204).

Cox está escrevendo em 1934/1935, quando o APRA já se confronta com o PCP – e se interessa por desvincular Mariátegui dos comunistas: dirige seu esforço no sentido de “resgatar” Mariátegui para o aprismo, jogando inclusive com o fato de que, no interior do PCP, grassava uma campanha antimariateguiana.

No processo de “bolchevização” dos partidos comunistas (leia-se: o enquadramento dos PCs à direção do partido soviético) que a Terceira Internacional stalinizada implementa, a partir de 1929/1930¹⁰, a herança mariateguiana é esconjurada pelos novos dirigentes do PC peruano: já num documento de dezembro de 1933 (“Sob a bandeira de Lênin!”, parcialmente disponível em Alimonda, 1983), o partido dá início à campanha contra o mariateguismo, que perdurará por toda a década e cujo líder será Eudócio Ravines¹¹. Paradoxalmente, os comunistas peruanos incorporavam a tese dos apristas, mas com um objetivo contrário: sublinhavam a anterior cooperação de Mariátegui com Haya de la Torre, precisamente, para desqualificar o seu marxismo e a sua opção bolchevique. E a campanha contra o mariateguismo ganhou a chancela do oficial Movimento Comunista Internacional, quando um respeitado historiador russo, especialista em América Latina e destacado assessor do Birô Latino-Americano da Terceira Internacional, V. M. Miroshovski, publicou o ensaio “O ‘populismo’ no Peru: o papel de Mariátegui na história do pensamento social latino-americano” (a versão castelhana saiu na revista *Dialéctica*, La Habana, vol. 1, nº 1, maio-junho de 1942). Eis o núcleo da apreciação de Miroshovski:

Mariátegui sinceramente queria lutar pelo socialismo e estava convencido da revolução socialista no Peru. [...] Porém, seus pontos de vista nada têm em comum com o socialismo proletário. Suas idéias foram os sonhos utópicos de um intelectual pequeno-burguês, num país camponês atrasado. [...] Embora se considerando ‘marxista’, [Mariátegui] se orientava, apesar disto, para a luta revolucionária independente do campesinato, negando a necessidade da hegemonia do proletariado no movimento revolucionário. [...] De acordo com Mariátegui, o proletariado peruano, em geral, transformou-se num simples ‘apêndice’ das massas camponesas indígenas. Na sua opinião, o proletariado não existia como um fator independente na realidade peruana; esta realidade se resumia nos elementos ‘latifundiário’ e ‘camponês’ (Miroshovski, *in* Aricó, org., 1978, p. 69).

¹⁰ Sobre este processo, cf. Claudín (l, 1972) e Roio (1990).

¹¹ Ravines (1898-1979), que o próprio Mariátegui indicara para substituí-lo na secretaria geral do PCP, será, posteriormente, expulso do partido e terminará seus dias como escriba, a serviço das piores ditaduras latino-americanas (Somoza e Pinochet).

O completo absurdo – que nada ficava a dever às tergiversações apristas – dessas formulações de um intelectual organicamente vinculado ao Movimento Comunista Internacional coonestava a campanha conduzida no interior do PC peruano. É somente no decurso dos anos 1940 que o partido peruano, livrando-se da direção de Ravines e renovando suas concepções estratégicas e táticas, começará a fazer justiça a Mariátegui e terminará, posteriormente, por consagrá-lo como um ícone ideológico¹².

Mas, é relevante observar que a disputa político-ideológica pela herança de Mariátegui no Peru não se esgotou nos meados do século XX. Se, ainda na década de 1950, apristas mais sofisticados tratavam de “recuperá-lo” – de que são exemplos os esforços de Chang-Rodríguez¹³ –, ao longo da segunda metade do século passado e mesmo na entrada do presente século, a fragmentada esquerda peruana trava infindáveis e bizantinas querelas por seu espólio.

A contribuição de Aricó

José Aricó (Villa María, 1931/Buenos Aires, 1991) ingressou no Partido Comunista Argentino, ainda adolescente (1947), e dele foi expulso, em 1963, dada a sua “heterodoxia”. Um dos primeiros divulgadores de Gramsci na América Latina notabilizou-se por sua atividade editorial (que prosseguiu durante o seu exílio, entre 1976 e 1983, quando lecionou na Universidad Nacional Autónoma do México), de que foi emblemática a revista *Pasado y presente*. Sua obra quantitativamente exígua – cujos títulos principais são: *Marx y América Latina* (1980), *La cola del diablo* (1986) e o póstumo *La hipótesis de Justo* (1998) – não dá a medida da sua influência sobre a intelectualidade de esquerda argentina e latino-americana: poucos homens de pensamento exerceram papel tão notável quanto o seu na organização da cultura política do subcontinente¹⁴.

Para os estudiosos de Mariátegui, a contribuição de Aricó foi excepcional: graças ao volume que organizou em 1978, *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano* (Aricó, org., 1978), as novas gerações de pesquisadores tiveram acesso a fundamentais textos polêmicos, praticamente indisponíveis até então – e a introdução que preparou para esse volume é primorosa, pelo cuidadoso levantamento das discussões políticas em torno do legado mariateguiano. Mas a sua visão

¹² Neste resgate de Mariátegui no interior do PCP, terá papel importante Moisés Arroyo Posadas (1906-?), que refutou com rigor o texto de Miroshhevski no ensaio “A propósito do artigo ‘O populismo no Peru’”, publicado em 1946 (disponível hoje in Aricó, org., 1978), e, sobretudo, Jorge del Prado (1910-1999), que, desde o princípio dos anos 1940, operou uma recuperação “marxista-leninista” de Mariátegui (cf. Prado: 1946 e 1983) - recorde-se de que Prado foi, por décadas, secretário-geral do PCP e membro do parlamento peruano. Por outra parte, *a posteriori*, o *movimento comunista internacional* revisou inteiramente a apreciação de Miroshhevski: dois especialistas russos em América Latina, os historiadores S. Semionov e A. Schulgovski, encarregaram-se de retirar de Mariátegui a pecha de “populista”: em 1957, no ensaio “O papel de José Carlos Mariátegui na formação do Partido Comunista do Peru”, “reabilitaram-no”, caracterizando-o como “revolucionário marxista e líder do proletariado peruano, [...] abraça decidida e irreversivelmente o leninismo, vendo, na doutrina de Lênin, a renovação criadora do marxismo” (in Aricó, org., 1978, p. 174).

¹³ Cf. Chang-Rodríguez (1957); em obra posterior, o autor avança no mesmo veio interpretativo (Chang-Rodríguez, 1983).

¹⁴ Para verificá-lo, cf. a intervenção de Horacio Crespo no “Seminário de Historia Intelectual” (2002) do Colegio de México, disponível em <http://shial.colmex.mx/shi/horaciocrespo-febrero2002> (acesso em 05/10/2008).

substantiva da obra de Mariátegui está expressa no compacto e denso ensaio (“O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional”), que escreveu para a *História do marxismo*, obra coletiva, há muito divulgada no Brasil (Hobsbawm, org., 1987).

Neste ensaio, em que situa Mariátegui na base do surgimento de um marxismo latino-americano, Aricó começa por indagar-se como, num país inteiramente periférico como o Peru, pôde surgir “um marxismo renovado” e responde com as seguintes palavras:

Em primeiro lugar, porque a formação marxista de Mariátegui se produz fora do movimento comunista e da Terceira Internacional; em segundo lugar, porque o movimento socialista peruano se estrutura no quadro de um amplo movimento intelectual e político, não submetido à presença cerceadora do partido comunista, nem à herança de um partido socialista, que fixasse no movimento social a forte marca positivista, que modificou o próprio marxismo (*in* Hobsbawm, org., 1987, p. 450).

Considerando o estágio italiano de Mariátegui¹⁵, Aricó tributa – como todos os analistas – a este período a incorporação do marxismo pelo jovem peruano. Mas, observa, com precisão, que Mariátegui chega até

Marx, partindo daquelas mesmas fontes emergentes da decomposição do marxismo da Segunda Internacional, recuperadas com tanta liberdade e desenvoltura na revista *Amauta*¹⁶ (*idem*, p. 451).

Sinteticamente, para Aricó,

Mariátegui leu Marx e Lênin, com o filtro do historicismo italiano e de sua polêmica, contra qualquer visão evolucionista e fatalista do desenvolvimento das relações sociais (*idem*, p. 450).

Com estas determinações, a argumentação de Aricó, até aqui, não se distingue daquela da maioria dos estudiosos qualificados de Mariátegui. O elemento diferencial surge na continuidade da sua análise:

Mas, esta revisão de fontes tão diversas – que vão do historicismo croceano até Marx, passando por Sorel, Bergson, Gobetti e a presença catártica de Lênin – só foi possível porque a realidade nacional em que agia, aquele Peru dos anos vinte [do século

¹⁵ Recorde-se de que Mariátegui viveu na Europa, de novembro de 1919 a início de 1923, fixando-se, especialmente, na Itália (2 anos e 7 meses) – cf. Escorsim (2006, esp. pp. 33-35 e 79-112).

XX], apresentava-se como um laboratório político, indicativo também, de um conjunto de problemas, que caracterizavam e envolviam toda a América Latina (*idem, ibidem*).

Ou seja: para Aricó, foi a excentricidade (*idem*, p. 448) da sociedade peruana (com particularidades que eram comuns a outras áreas latino-americanas) que permitiu a Mariátegui – na medida exata em que procurou apreendê-la teoricamente e, nesta procura, afinou e calibrou a sua grade teórica – escapar de qualquer ecletismo e constituir um *marxismo latino-americano*, à base de “capacidade teórica, de conhecimento da realidade nacional e mundial e de posição crítica diante do próprio marxismo” (*idem*, p. 449). Se é verdade que

as correntes vitalistas, antiintelectuais, antipositivistas, anticientificistas e antieconomicistas, em relação às quais se estrutura a recuperação mariateguiana do marxismo – não como uma filosofia da história, mas como um princípio teórico ordenador de uma vontade de luta contra um sistema de exploração dos homens e como um método de conhecimento e de transformação da sociedade –, eram denunciadas pelo marxismo oficial como expressões da decadência burguesa (*idem*, p. 449-450),

o risco do ecletismo se evita, porque se trata, em Mariátegui, segundo Aricó, de uma verdadeira refundação do marxismo,

concebido não mais como uma teoria importada do exterior, mas, sim, como uma tradução produtiva para o próprio reconhecimento nacional da realidade peruana e para a análise diferenciada de seus processos (*idem*, p. 456).

O caráter heterodoxo que Aricó atribui ao marxismo de Mariátegui relaciona-se tanto à tradição teórica da Segunda Internacional quanto à prática política que a Terceira Internacional ensaia após a morte de Lênin e implementa na segunda metade dos anos 1920. O essencial, todavia, é que, para Aricó, o marxismo de Mariátegui constitui, em face de Marx,

uma interpretação tendencialmente antieconomicista e antidogmática, numa época em que tentar isto nas fileiras comunistas era teoricamente inconcebível e politicamente perigoso (*idem*, p. 450).

Na raiz do marxismo de Mariátegui, Aricó descobre uma “concepção democrática, popular e laica do socialismo e da própria teoria marxista” (*idem*, p. 456). Concepção inerentemente antiestatista (e, consequentemente, antijacobina), que lhe propicia a visão dos processos históricos,

a partir dos movimentos de constituição e de fragmentação das massas populares, de suas formas expressivas, de seus mitos e seus valores, a fim de determinar e potencializar suas tendências, para a construção de uma autonomia própria (*idem, ibidem*).

É esta concepção que levou Mariátegui “à descoberta do mundo fascinante das classes subalternas” e, no centro dele, do “problema indígena” (*idem, ibidem*). Aqui, a referida excentricidade peruana jogará um papel essencial; é preciso citar, mais extensamente, a Aricó, para compreender este papel:

A hipótese leninista de um bloco social, construído com base na aliança entre a classe operária e os camponeses, podia encontrar, no Peru, uma forma de tradução que a fizesse emergir como expressão própria e original da realidade. Mariátegui – diferentemente de Haya de la Torre e da experiência da Terceira Internacional – conseguiu analisar o problema indígena, a partir de uma perspectiva de classe que possibilitava sua introdução numa proposta socialista e revolucionária. Não se trata simplesmente do fato de que, à diferença da Internacional, tenha compreendido que o problema indígena era o problema da terra e, não, simplesmente o das nacionalidades oprimidas: transformando o problema indígena na “questão camponesa” do Peru, Mariátegui operou uma transformação de todo o discurso marxista oficial, que o levou a basear, no índio, a força social estratégica de qualquer projeto socialista de transformação (*idem*, p. 456-457).

Como se verifica, a interpretação de Aricó vincula, no cerne do pensamento de Mariátegui, a proposta lenineana da aliança operário-camponesa (Lênin, 1961) à sua adequação à análise mariáteguiana do Peru, na exata escala em que a realidade peruana, pela sua estrutura e particularidade histórica, tornava pertinente a estratégia de Lênin. Vale dizer: Mariátegui socorre-se de Lênin, quando esta remissão se funda numa tradução expressiva do movimento da realidade.

Mas esse é, segundo Aricó, o procedimento analítico de Mariátegui em todos os passos: o marxismo nunca como “aplicação”, mas como método de decifração da realidade. A excentricidade peruana, no caso da problemática indígena, mas não só, é o suporte material da *refundação do marxismo* por Mariátegui. Esta tese de Aricó demonstra-se extremamente fecunda, para compreender o que Guillermo Rouillón chamou de “criação heróica de José Carlos Mariátegui” e para explicar o fascínio que, em outras “áreas excêntricas”, desperta, hoje, o pensamento do Amauta.

A interpretação de Quijano

Aníbal Quijano (Ancash, 1930) é o cientista social peruano mais influente e respeitado da segunda metade do século XX: a “sociologia crítica” no Peru é, praticamente, obra sua (pode-se comparar sua intervenção universitária àquela desen-

volvida, no Brasil, por Florestan Fernandes). Sociólogo com experiências docentes nas três Américas e na Europa, autor de vastíssima bibliografia, Quijano é um intelectual comprometido com o projeto socialista e um incansável militante das causas democráticas e populares¹⁷.

Seu interesse pela obra de Mariátegui data da época de seus estudos universitários iniciais – e, já em 1956, prepara uma antologia de textos mariateguianos. Ao longo dos anos, escreveu abundantemente sobre Mariátegui, acumulando um formidável conhecimento sobre ele, atestado pela qualidade do material que coligiu, organizou, anotou e prefaciou, na entrada dos anos 90, (Quijano, org., 1991). Sua leitura global da obra mariateguiana comparece, porém, num texto da década anterior (Quijano, 1982) – econômico texto, que constitui uma extraordinária interpretação de Mariátegui e que melhor decifrou, a meu juízo, o “fenômeno Mariátegui”.

Quijano começa por criticar a construção de um “Mariátegui mítico”, cultivado e/ou exorcizado conforme a posição assumida tradicionalmente pelos analistas¹⁸ e se propõe à desmistificação de Mariátegui, apreendendo o seu itinerário formativo e suas ideias,

não como um compêndio sistemático e fechado, como é habitual, mas como um processo que, como o de qualquer homem abrasado pela paixão do conhecimento e da ação, vai se fazendo e se refazendo, no todo ou em parte, em função da atmosfera em que vive em cada momento, das heranças ideológicas e emocionais recebidas, das necessidades particulares da polêmica em cada situação, da disponibilidade, ou não, de idéias e de conhecimentos, dentro do horizonte de reflexão do seu tempo (Quijano, 1982, p. 58).

Criticando, com base nesta postulação metodológica, exegeses anteriores de Mariátegui, ainda que reconhecendo seus eventuais méritos, ele avança na sua própria interpretação – que, em resumo, atribui a Mariátegui um marxismo criador e fecundo, sem prejuízo de aspectos problemáticos.

Quanto às influências italianas, Quijano não as questiona – Croce, Gentile, Gobetti, *L'Ordine Nuovo*¹⁹ e Sorel, mesmo observando que na Itália de Mariátegui imperava um clima intelectual que não era estranho ao Peru que ele deixara – e atribui a elas enorme importância:

¹⁷ Quando, em 1995, o ditador Fujimori interveio na Universidad Mayor de San Marcos, Quijano – numa corajosa atitude de protesto – renunciou à sua cátedra. Em novembro de 2006, a universidade reintegrou-o a seu corpo acadêmico como professor emérito.

¹⁸ Conforme Quijano (1982, pp. 52-57), quatro foram os ângulos principais de análise que construíram esse “Mariátegui mítico”: 1) o das correntes reformistas socializantes, expressão de camadas médias intelectuais e adversários do marxismo e do socialismo revolucionário; 2) o das correntes nacionalistas (*velazquismo* – a referência é aos ideólogos do período de Velasco Alvarado) e o das correntes democrático-burguesas (*aprismo*); 3) os seguidores e porta-vozes do movimento comunista fiel à direção moscovita; e 4) o das correntes trotskistas.

¹⁹ Não se esqueça de que o periódico criado por Gramsci e seus camaradas foi leitura habitual de Mariátegui na Itália e de que ele presenciou o Congresso de Livorno (janeiro de 1921), no qual a fração do revolucionário sardo abandonou o Partido Socialista e criou o Partido Comunista.

A Itália [...] foi uma estação decisiva na formação de Mariátegui, intelectual, política e emocionalmente, chegando a ser um permanente ponto de referência de sua visão dos problemas (*idem*, p. 44).

Se se toma a avaliação do Amauta por Quijano, verifica-se que, no geral, ele faz coro com a maioria dos melhores analistas de Mariátegui:

Se Mariátegui foi capaz de deixar uma obra na qual os revolucionários da América Latina e de outros países podem, ainda, encontrar e reconstruir uma matriz de indiscutível fecundidade para as tarefas de hoje, isto se deve, antes de tudo, ao fato de ter sido, entre todos os que contribuíram para a implantação do marxismo na América Latina do seu tempo, o que mais profunda e certamente conseguiu apropriar-se [...] do marxismo. Ou seja: apropriou-se da sua qualidade de marco e ponto de partida para investigar, conhecer, explicar, interpretar e transformar uma realidade histórica concreta a partir dela mesma (*idem*, p. 61-62).

Mas, a contribuição original de Quijano se revela na sua crítica: é ele que melhor assinala concretamente os problemas do marxismo de Mariátegui, resumidos fundamentalmente em dois níveis:

1. a irresoluta tensão entre uma concepção de marxismo como teoria da sociedade e da história e método de interpretação e ação revolucionária, por um lado, e, por outro, filosofia da história, apta para receber as águas de outras vertentes filosóficas que, segundo Mariátegui, podiam contribuir para a permanência da vontade da ação revolucionária;
2. vinculada à anterior, a insistência na centralidade da vontade individual, como fundamento da ação histórica, e para ela, na necessidade de um alimento de fé e de fundamento metafísico para a restauração de uma moral despojada dos lastros da consciência burguesa (*idem*, p. 62)²⁰.

É na exploração dessas indicações que Quijano vai apontar a fecundidade e a problematicidade do marxismo de Mariátegui. Quanto ao primeiro ponto, depois de citar uma passagem do próprio Mariátegui – aquela em que ele afirma que o marxismo é apenas um método de interpretação histórica²¹ –, Quijano anota criticamente:

²⁰ Quijano aflora aqui um elemento (o da vontade individual, que pode derivar no voluntarismo), que frequentemente ensejou que se criticasse, em Mariátegui, um viés subjetivista na sua concepção de ação revolucionária. Contrapondo-se a esta interpretação, Adolfo Sánchez Vázquez, num texto breve, mas rico de sugestões, observa que, em Mariátegui, há a "valorização da subjetividade, sem subjetivismo" (Vázquez, in Barsotti e Pericás, orgs., 1998, p. 50).

²¹ O trecho a que Quijano faz referência é o seguinte: "O materialismo histórico não é, precisamente, o materialismo metafísico ou filosófico, nem é uma filosofia da história, deixada atrás pelo progresso científico. Marx não teria por que criar mais que um método de interpretação histórica da sociedade atual" (Mariátegui, 1974, p. 40).

Não se apresenta, porém, o aparato epistemológico que funda esse “método de interpretação histórica”, nem aparece a determinação de que, para além de ser método de interpretação, o marxismo é uma teoria da sociedade, vale dizer, com capacidade de dar conta das leis que movem a sociedade e dos elementos que concorrem para a constituição dessas leis, e de onde nasce o seu poder explicativo e de interpretação (*idem*, p. 63).

Ou seja: para Quijano, Mariátegui reduz o marxismo a um método de análise e as consequências desta redução, no plano teórico-filosófico, não são desprezíveis:

Deste modo, um curioso amálgama de tendências filosóficas, todas não somente estranhas, porém opostas ao marxismo, passam a compor uma espécie de filosofia da história que, para Mariátegui, não só não contradiz, mas complementa e enriquece, ou, como ele diz, “ilustra” o marxismo (*idem*, p. 64-65).

Sem dizê-lo expressamente, Quijano identifica aqui um constitutivo traço eclético no marxismo de Mariátegui.

Quanto ao segundo ponto, que envolve o problema do mito – elemento recolhido de Sorel por Mariátegui²² –, Quijano não tem dúvidas em creditá-lo ao que considera a debilidade devida à não-explicitação dos fundamentos epistemológicos do marxismo por Mariátegui, na sua luta contra o positivismo (*idem*, p. 69): na medida em que Mariátegui não se vale deles, seu combate contra o positivismo desloca-se para “uma perspectiva ético-filosófica”, que acaba por recuperar um direcionamento metafísico. Consequentemente, Quijano pode afirmar

que não há dúvida de que Mariátegui articulou em sua formação intelectual uma concepção de marxismo como “método de interpretação histórica e de ação” e uma filosofia da história de explícito conteúdo metafísico e religioso (*idem*, p. 69).

Contestando Salazar Bondy²³ e outros intérpretes, que veem em Mariátegui “um marxismo aberto contra um marxismo dogmático”, Quijano julga que

²² Georges Sorel (1847-1923), teórico do sindicalismo revolucionário qualificado por Lênin como “confusionista bem conhecido”, afirmava que “um mito não pode ser refutado, porque, no fundo, é idêntico às convicções de um grupo, é a expressão dessas convicções em linguagem de movimento e, por conseguinte, indecomponível em partes que possam ser aplicadas num plano de descrição histórica. [... Os mitos são as] tendências mais fortes de um povo, de um partido, de uma classe, tendências que se apresentam ao espírito, com a insistência de instintos, em todas as circunstâncias da vida, e que dão um aspecto de plena realidade a esperanças de ação próxima sobre as quais se funda a reforma da vontade” (Sorel, 1993, pp. 32-33, 105). Mariátegui incorporou inteiramente, a teoria soreliana do mito (cf., por exemplo, Mariátegui, 1972, p. 25 e ss.). Quijano não é complacente com a importância que Mariátegui atribui a Sorel, ainda que a explique pela sua recusa do positivismo e pela ambiência italiana: “Cinquenta anos depois [da morte de Mariátegui], surpreende em um homem como Mariátegui essa desaforada admiração a um pensamento tão confuso e prescindível como o de Sorel” (Quijano, 1982, p. 72).

²³ Augusto Salazar Bondy (1925-1974), investigador peruano, autor de uma influente *Historia de las ideas en el Perú contemporáneo*.

é mais correto assinalar que nem todo o pensamento mariateguiano era marxista e que, em sua polêmica contra o revisionismo e o positivismo, são as questões ético-filosóficas as que têm primazia sobre as epistemológicas e metodológicas, acerca das quais sua formação era insuficiente (*idem*, p. 76).

E Quijano, analista que não se deixa levar nem pelo hipercriticismo nem pela apologia, conclui:

O que hoje nos assombra na obra mariateguiana é que, apesar de suas ambiguidades conceituais e da insuficiência da sua formação teórica, tenha conseguido fazer as descobertas teóricas mais importantes da investigação marxista de seu tempo na e sobre a América Latina, que constituem pontos de partida necessários para a crítica revolucionária atual de nossa sociedade. [...] Suas descobertas] constituem a conquista de um cérebro, cuja autonomia e ousadia intelectual eram apoiadas, inclusive, em elementos teoricamente espúrios e, entretanto, psicologicamente eficazes para permitir que não se prendesse simplesmente a uma adesão acrítica às "ortodoxias" burocráticas (*idem*, p. 77).

Para além das interpretações: Mariátegui, um clássico

As leituras que Aricó e Quijano fazem de Mariátegui mostram-se simultaneamente convergentes e divergentes – a radical importância teórico-política do Amauta vem sublinhada com igual força, mesmo se, para o crítico argentino, na obra mariateguiana, há que ressaltar uma heterodoxa refundação do marxismo, enquanto para o sociólogo peruano há que valorizar a eficácia analítica de um marxismo problemático. E de ambos os analistas extrai-se a convicção científica de que, no trato da obra mariateguiana, sobreleva a originalidade como a marca maior de um pensamento que se quis marxista convicto e confesso²⁴ - marca cuja indescartabilidade se comprova na análise operada também por outros pesquisadores (v.g., Illán, 1974; Galindo, 1982; Portocarrero, Cáceres y Tapia, orgs., 1995).

Todavia, quando o estudioso da história do marxismo e/ou da história (passada e presente) da América Latina vai além das exegeses e das interpretações e se enfrenta com as problemáticas contemporâneas de uma e de outra, o que salta à vista é o quanto Mariátegui ainda tem a nos dizer. Aqui, para além das interpretações, o que vale é uma paráfrase da célebre notação de Ítalo Calvino: "um clássico é um autor que nunca termina de dizer aquilo que tinha a dizer".

E tanto Aricó quanto Quijano oferecem uma excelente contribuição para demonstrar o caráter clássico que a obra de Mariátegui possui, no contexto latino-americano.

²⁴ Esta fórmula autocaracterizadora, Mariátegui utilizou-a pelo menos duas vezes: em junho de 1927, em carta do Hospital de San Bartolomé, onde esteve preso, acusado de participar de um "complot comunista" (cf. Moretic, 1970, p. 109) e nos 7 *ensayos...* (cf. Mariátegui, 1998, p. 62).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIMONDA, H. *José Carlos Mariátegui*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- AMAYO, E. e SEGATTO, J. A. (Orgs.). *J. C. Mariátegui e o marxismo na América Latina*. Araraquara/S. Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2002.
- ARICO, José (Org.). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México: Siglo XXI, 1978.
- BARSOTTI, P. e PERICÁS, L. B. (orgs.). *América Latina. História, idéias e revolução*. S. Paulo: Xamã, 1998.
- BELLOTTO, M. e CORRÊA, A. M. (orgs.). *Mariátegui. Política*. S. Paulo: Ática, 1982.
- CHANG-RODRÍGUEZ, E. *La literatura política de González Prada, Mariátegui y Haya de la Torre*. México: Studium, 1957.
- _____. *Poética e ideología en José Carlos Mariátegui*. Madrid: José Porrúa Turanzas, 1983.
- CLAUDÍN, F. *La crise du mouvement communiste. Du Komintern au Kominform*. Paris: F. Maspero, I-II, 1972.
- ESCORSIM, L. *Mariátegui. Vida e obra*. S. Paulo: Expressão Popular, 2006.
- GALINDO, A. F. *La agonía de Mariátegui*. Lima: Desco, 1982.
- HAYA DE LA TORRE, V. R. et alii. *El APRA y Mariátegui*. Lima: Centro de Documentación Andina/CONCYTEC, 1990.
- HOBSBAWM, E. (org.). *História do marxismo. VIII. O marxismo na época da Terceira Internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ILLÁN, D. M. *José Carlos Mariátegui y su pensamiento revolucionario*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1974.
- LÊNIN, V. I. *A aliança operário-camponesa*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.
- LÖWY, M. *O marxismo na América Latina*. S. Paulo: Perseu Abramo, 1999.
- LUNA VEGAS, R. *José Carlos Mariátegui (1894-1930)*. Lima: Horizonte, 1986.
- _____. *Contribución a la verdadera historia del PARA*. Lima: Horizonte, 1990.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*. Lima: Amauta, 1972.
- _____. *Defensa del marxismo*. Lima: Amauta, 1974.
- _____. *7 ensaios de interpretação da realidade peruana*. S. Paulo: Alfa-Ômega, 1975.
- _____. *7 ensaios de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Amauta, 1998.
- _____. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- _____. *Do sonho às coisas. Retratos subversivos*. S. Paulo: Boitempo, 2005 (a).
- MELIS, A. et alii. *Mariátegui. Tres estudios*. Lima: Amauta, 1971.
- _____. *Leyendo Mariátegui (1967-1998)*. Lima: Amauta, 1999.
- MORETIC, Y. *José Carlos Mariátegui. Su vida e ideário. Su concepción del realismo*. Santiago: Universidad Técnica del Estado, 1970.
- NETTO, J. P. "O contexto histórico-social de Mariátegui". *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, nº 21, 1980.
- PARIS, R. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. México: Siglo XXI, 1981.
- PORTOCARRERO, G., CÁCERES, E. y TAPIA, R. (orgs.). *La aventura de Mariátegui: nuevas perspectivas*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1995.
- PRADO, Jorge del. *Mariátegui y su obra*. Lima: Nuevo Horizonte, 1946.
- _____. *En los años cumbres de Mariátegui*. Lima: Humboldt, 1983.
- QUIJANO, A. *Introducción a Mariátegui*. México: Era, 1982.
- QUIJANO, A. (org.). *José Carlos Mariátegui. Textos básicos*. Lima/México/Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1991.

ROIO, M. T. del. *A classe operária na revolução burguesa*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

SOREL, G. *Reflexões sobre a violência*. Petrópolis: Vozes, 1993. *El marxismo latinoamericano de Mariátegui*. Buenos Aires: Crisis, 1973.